



TVescola

Sumário

Áreas
Temáticas

ARTE	08
EDUCAÇÃO ESPECIAL	10
ESCOLA / EDUCAÇÃO	12
HISTÓRIA	14
LÍNGUA PORTUGUESA	16
LITERATURA	20
ORIENTAÇÃO SEXUAL	28

Seções
Especiais

ENSINO MÉDIO - COM CIÊNCIA	30
ENSINO MÉDIO - FAZENDO ESCOLA	35
SALTO PARA O FUTURO	38



TVescola

DISCO 01

AURORA LUMINOSA

E

T

R

A

ARTE

DISCO 01

IMAGINÁRIO PORTINARI

Documentário que revela o imaginário popular dos habitantes de Brodowski, cidade do interior paulista, sobre a figura de Cândido Portinari, considerado o representante plástico do modernismo no Brasil e nascido nesta cidade.

Duração: 22'46"

Realização: TV Unaerp. Brasil, 2005



TVescola

DISCO 02

**TODA CRIANÇA É ÚNICA – A INCLUSÃO DA DIFERENÇA
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

EDUCAÇÃO ESPECIAL
EDUCAÇÃO ESPECIAL

TODA CRIANÇA É ÚNICA – A INCLUSÃO DA DIFERENÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Série apresenta experiências positivas de inclusão na Educação Infantil, enfatizando as possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem de crianças com necessidades educacionais especiais. É discutida, também, a busca por uma escola autônoma, de qualidade e democrática, por meio da educação inclusiva.

*Duração: 6 episódios de 27'
Realização: TV Escola. Brasil, 2007*

- 1. Quebrando a Invisibilidade**
- 2. Universo das Diferenças**
- 3. Orquestra de Sinais**
- 4. Rompendo Barreiras**
- 5. Caminhos para a Inclusão**
- 6. Liberdade de Ser e Aprender**



TVescola

DISCO 03

**PAULO FREIRE – CONTEMPORÂNEO
EDUCADORES BRASILEIROS**

PAULO FREIRE – CONTEMPORÂNEO

Documentário que retorna às origens das primeiras experiências de alfabetização e de educação popular freirianas, quase 50 anos depois de sua realização em Angicos (RN), para mostrar o quanto as idéias de Paulo Freire sobre pedagogia estão vivas e presentes nos dias atuais.

Duração: 53'23"

Realização: TV Escola. Brasil, 2007

EDUCADORES BRASILEIROS

Série que mostra a biografia e a obra de grandes teóricos da educação brasileira.

Duração: 2 programas de 45'

Realização: TV Escola. Brasil, 2007

1. Darcy Ribeiro – Programa conta a biografia de Darcy Ribeiro e suas diferentes peles: antropólogo, político, escritor e educador, e como todas essas facetas convergem em suas idéias sobre educação.

2. Anísio Teixeira – O vídeo mostra a vida de Anísio Teixeira, o baiano que dedicou quase toda vida à educação, tornando-se um dos mais influentes e importantes educadores da história.



TVescola

DISCO 04

NOS TRILHOS DO CAFÉ

HISTÓRIA

HISTÓRIA

NOS TRILHOS DO CAFÉ

Programa que aborda o ciclo do café no Brasil, com foco na trajetória do "ouro verde" produzido na região de Ribeirão Preto e levado de trem até o porto de Santos.

Duração: 22'

Realização: TV Unaerp. Brasil, 2004



TVescola

DISCO 05

SUA LÍNGUA - Parte I

DISCO 06

SUA LÍNGUA - Parte II

DISCO 07

SUA LÍNGUA - Parte III

LÍNGUA PORTUGUESA

SUA LÍNGUA

O professor Pasquale, apresentador do programa Sua Língua, transforma a língua portuguesa em uma divertida aventura para crianças e pré-adolescentes de sete a 14 anos. Ao lado do seu amigo Coisinho, personagem do programa Ilha Rá-Tim-Bum, ele dá dicas sobre a língua, os significados das palavras e esclarece as dúvidas dos telespectadores.

*Duração: 70 episódios de 7'
Realização: TV Cultura. Brasil*

SUA LÍNGUA - Parte I

1. **Português de Portugal**
2. **Pagando Mico**
3. **Sentindo Dor**
4. **Fujicar É...**
5. **Rimas**
6. **Opostos**
7. **Coletivos**
8. **Mesma Grafia, Mesma Pronúncia**
9. **Letras Trocadas**
10. **História em Quadrinhos**
11. **Gêneros**
12. **Palavras Cruzadas**
13. **Cedilha**
14. **O Menino Azul**
15. **Formas de Tratamento**
16. **Aumentativo e Diminutivo**
17. **Nomes**
18. **Perguntas**
19. **Ruídos**
20. **Pontuação**
21. **Cores como Símbolo**
22. **Palíndromo**
23. **Livro de Receitas**
24. **Dicionário**



DSICO 06

SUA LÍNGUA - Parte II

- 25. Palavras que Representam Ações**
- 26. Língua Portuguesa**
- 27. Admirável Mundo Louco**
- 28. Jardim Zoológico**
- 29. História de Terror**
- 30. Trava-Língua**
- 31. Linguagem de Propaganda**
- 32. Diário de Bordo**
- 33. Livro de Receitas 2**
- 34. Um Programa Diferente**
- 35. Informações nas Embalagens**
- 36. Sinais de Trânsito**
- 37. Separando Sílabas**
- 38. Resenhas**
- 39. ONG**
- 40. Carta Anônima**
- 41. Entrevistando o Professor Pasquale**
- 42. Um Dia Daqueles**
- 43. Alimentos Saudáveis**
- 44. Crianças**
- 45. O Planeta Terra**
- 46. Descrição**
- 47. Narrador**

SUA LÍNGUA - Parte III

- 48. Pedidos
- 49. Eleição
- 50. Comparando
- 51. A Árvore do Beto
- 52. Dicionário
- 53. Estados do Brasil
- 54. Sonhos
- 55. O Jogo do Mente
- 56. Pronúncia
- 57. Gênero de Texto
- 58. O Uso do “M” e do “N”
- 59. Sinônimos
- 60. Formando Palavras
- 61. A Palavra “Seu”
- 62. O Jogo “Sua Língua”
- 63. Tirando Dúvidas
- 64. O Uso do “S” e do “Z”
- 65. Preposições
- 66. Tabelas
- 67. O Emprego do “J” e do “G”
- 68. Sons Nasais
- 69. A Letra “H”
- 70. Certas Palavras



TVescola

DISCO 08

POETAS DO REPENTE

DISCO 09

MESTRES DA LITERATURA

DISCO 10

UM MENINO MUITO MALUQUINHO - Parte I

DISCO 11

UM MENINO MUITO MALUQUINHO - Parte II

DISCO 12

UM MENINO MUITO MALUQUINHO - Parte III

LITERATURA

POETAS DO REPENTE

Série que apresenta e aprofunda o estudo sobre o Repente, forma rica de expressão e comunicação, que teve sua origem no improviso africano e nas trovas medievais da Europa, trazidas ao Brasil por Portugal. Sem restrição de gênero ou de classe social, o Repente é uma poderosa forma de expressão. Mais amplo do que pode sugerir à primeira vista, o tema "repente" surge como eixo poético para visualização de vários aspectos da própria construção da realidade brasileira, tanto pela trajetória desta forma de expressão em si, quanto pelos temas que ela aborda. Tais características fazem do repente um tema rico em possibilidades para abordagens transversais e interdisciplinares: Língua Portuguesa (a construção e reconstrução da língua), Literatura (poesia popular oral, improvisos, versos e rimas), História (raízes da cultura brasileira, a civilização do couro e a difusão de características culturais regionais), Geografia (a cultura como fruto das relações do homem com o meio ambiente), Matemática (associações métricas na poesia e na música) e Cidadania (a poesia popular como fórum para expressão e discussão da realidade social).

Duração: 4 episódios de 27'

Realização: TV Escola. Brasil, 2007

1. Tecendo o Repente – O que é o repente? De que países vem essa tradição? Como chegou ao Brasil?. Por meio de depoimentos de especialistas e repentistas, esse programa introduz o tema da série.

2. Com a Boca no Mundo – O repente deixa o sertão e infiltra-se nos centros urbanos. O repentista que viaja e leva sua poesia mundo afora.

3. Recriando o Repente – Como o repente e outras formas de poesia popular misturam-se à cultura contemporânea. O diálogo entre o repente, a embolada, o rap e a música eletrônica.

4. O Beabá do Repente – A utilização da poesia popular em sala de aula. Por meio de casos encontrados no sertão nordestino, será mostrado como o repente e outras manifestações artísticas populares podem enriquecer o processo ensino-aprendizagem.



DISCO 9

MESTRES DA LITERATURA

Segunda edição da série de sucesso da TV Escola, que apresenta a vida e a obra de grandes escritores brasileiros. Particularidades da vida pessoal e profissional de cada um como a formação acadêmica, o estilo literário e algumas de suas principais publicações.

Duração: 5 episódios de 26'
Realização: TV Escola. Brasil, 2007

- 1. Lygia Fagundes Telles** – A política e o fantástico em seus romances e contos, e como esses elementos apareceram em sua vida em São Paulo e no Rio de Janeiro.
- 2. João Cabral de Melo Neto** – Mostra as influências do sertão em sua poesia rígida e áspera, além dos diversos países onde o poeta morou e como eles se tornaram temas de sua obra.
- 3. Carlos Drummond de Andrade** – O mineiro da pequena Itabira (MG) que revolucionou a literatura brasileira e se tornou o mais conhecido poeta no País.
- 4. José Lins do Rego** – Como o contato com engenhos de açúcar, em sua infância, influenciaram suas obras. Sua vida adulta em Maceió e no Rio de Janeiro.
- 5. Raquel de Queiroz** – O programa mostra desde a sua infância, na Fazenda Não me Deixes, em Quixadá, influência de muitas suas obras, até a época em que se tornou a primeira mulher a entrar na Academia Brasileira de Letras.

UM MENINO MUITO MALUQUINHO

Série que baseada no livro do escritor Ziraldo que conta as aventuras e descobertas nas várias etapas da vida do Menino Maluquinho.

Duração: 26 episódios de 25'

Realização: TVE. Brasil, 2006

UM MENINO MUITO MALUQUINHO - Parte I

1. Adivinha Que Dia É Hoje? – Depois de arranjar roupa adequada para sua festa de aniversário de 10 anos, o Menino Maluquinho sofre com a espera dos amigos para a festa. Por fim, todos chegam, principalmente Julieta, que lhe dá uma amпуlhetta roxa de presente. Como tinha combinado com a mãe, o Menino Maluquinho precisava jogar fora a mamadeira no dia do seu aniversário de 5 anos. Ele adiou ao máximo esse momento, mas quando conseguiu se desfazer da mamadeira, logo pensou nos presentes de aniversário.

2. O Menino Que Tinha Panela na Cabeça – A professora do Menino Maluquinho de 10 anos pede como trabalho uma autobiografia. O garoto faz uma viagem biográfica conversando com todos sobre como se tornou 'O menino que tinha panela na cabeça'. Aos 5 anos, o Menino Maluquinho armou a maior confusão com as painéis de casa.

3. O Primeiro Dia de Aula – Aos 10 anos, o Menino Maluquinho está animado com o primeiro dia de aula. Chegando na escola porém, a coisa complica com as novidades na aula de Matemática. Com 5 anos, o Menino Maluquinho tinha medo do seu primeiro dia de aula. Chegando lá porém viu que era mais gostoso do que ele pensava.

4. Eu Não Sei Arrumar, Eu Só Sei Bagunçar – Convicto de sua bagunça, aos 10 anos, o Menino Maluquinho acaba se prejudicando por causa da bagunça em seu quarto. Por fim entende o valor da organização. Com 5 anos, o Menino Maluquinho recebeu a visita do amigo Leandro e de sua babá autoritária que não os deixou fazer nada.

5. Feio, Bonito! – Aos 10 anos, o Menino Maluquinho está extasiado com a beleza da nova aluna da escola, Bianca. Mas quando ela o ignora, e ainda por cima o chama de "feio", um buraco se abre sob seus pés. Quando tinha 5 anos, o Menino Maluquinho visitou o zoológico com Bocão e o avô. No passeio, eles discutiram os diversos padrões de beleza entre os animais.

6. O Melhor Amigo do Menino – Aos 10 anos, o Menino Maluquinho ficou meio entediado com seu antigo cão, Fofinho. Mas quando o animal some, decide encontrá-lo de qualquer jeito. Aos 5 anos, o Menino Maluquinho insistiu tanto que ganhou um cachorro vira-lata: Fofinho.



DISCO 10

7. Meu Pior Amigo – Com ciúmes do primo Gregório, o Menino Maluquinho provoca uma briga com Bocão, mas acaba com saudades. Maluquinho e Bocão se conheceram aos 5 anos.

8. O Canguru Campeão – Aos 10 anos, o Menino Maluquinho passeia imaginariamente por diversas projeções para seu futuro, mas no final decide ser ele mesmo, por enquanto. Aos 5 anos, ele tinha decidido ser canguru quando crescer.

9. Liga, Desliga – Com 10 anos, o Menino Maluquinho se estressa de tanto jogar videogame. O Maluquinho conheceu seu primeiro “game-boy” aos 5 anos.

UM MENINO MUITO MALUQUINHO - Parte II

10. O Melancia – Aos 10 anos, o Menino Maluquinho ajuda Bocão a superar o ciúme de um novo bebê na família. Com 5 anos, o Maluquinho queria tanto ter um irmão que acabou inventando e convivendo com um irmão invisível, o Paçoquinha.

11. Azul e Rosa – Meninas e meninos de 10 anos entram em conflito, mas acabam se reunindo. Aos 5 anos, Maluquinho se casou com Julieta na festa junina.

12. Baleia de Rio – Aos 10 anos, O Menino Maluquinho tem dificuldade em largar a cidade e brincar no campo. Mas quando a menina Tatiana aparece crescida, tudo muda. Quando foi para o campo aos 5 anos o Menino Maluquinho ficou amigo de Tatiana.

13. Festa do Pijama – Aos 10 anos, o Menino Maluquinho se diverte com os amigos dormindo em casa. Junin dormiu na casa do Menino Maluquinho quando ele tinha 5 anos, mas quis ir embora no meio da noite.

14. Por Que Comigo? – O Menino Maluquinho foi maltratado por amigos mais velhos aos 5 anos. Aos 10, ele defende o garoto gordinho Tito, que passa a ser maltratado por Herman.

15. A Fada Madrinha do Consumo – Com 10 anos, Menino Maluquinho e seus amigos estão loucos para comprar uma fantasia do Cavaleiro Negro. Como os pais relutam em dar o presente, pois não é Natal, nem aniversário, o Maluquinho imagina que eles irão conseguir tudo no programa de TV do Baiaco. Aos 5 anos, o Maluquinho assistia à muita televisão e como resultado: achou que “precisava” comprar um monte de coisa.

16. Maluquinho Galã – Aos 10 anos, o Menino Maluquinho desperta paixões em três garotas ao mesmo tempo. Com 5 anos, ele só encantava tias e tias-avós.

17. Chove, Chuva Maluquista – Aos 5 anos, o Maluquinho ficou em casa com o avô e Bocão em um dia de chuva. Cansado com a hiperatividade dos garotos, o vovô fez uma introdução aos gêneros da MPB para os pequenos, com sua velha coleção de discos. Num feriado de finados, chove de novo e a família não pode viajar. Sem ter o que fazer dentro de casa, aos 10 anos, o Menino Maluquinho fica entediado. Então, o pai faz uma introdução à história da arte para o filho, através de um livro ilustrado. O Maluquinho fica impressionado com as pinturas e acaba fundando seu próprio movimento: “o Maluquismo”.

18. O Ilusionista – O Menino Maluquinho descobre o mal provocado por roubar, fingir ou mentir.



DISCO 12

UM MENINO MUITO MALUQUINHO - Parte III

19. Eu Sou o Melhor – Aos 5 anos, o Maluquinho perdeu no jogo do Mico preto e “perdeu” a cabeça. Aos 10, ele ganha campeonato de corridas e também “perde” a cabeça.

20. Fome de Doce – Quando tinha 5 anos, o Menino Maluquinho só queria comer doce e, por isto, acabou tendo uma cárie. Sua mãe passou a controlar sua alimentação, mas ele seguiu roubando doce. Só quando passou mal, entendeu o valor da comida. Aos 10 anos, o Maluquinho só quer comer certas coisas de determinadas formas. Num jantar japonês ele acaba tendo de enfrentar um peixe cru e acaba adorando.

21. Mãe Só Há Duas – Aos 5 anos, o Menino Maluquinho só tinha olhos para mamãe: uma princesa, uma beleza, uma maravilha. Quando ele foi para o acampamento nas férias, foi aquela choradeira de ambos os lados. Ele sentia falta da “melhor mãe do mundo”. Aos 10 anos, o Maluquinho quer voltar ao acampamento, mas a mãe, lembrando das lamentações da outra vez, não quer que ele vá. Ele fica furioso e decreta: ela é a “pior mãe do mundo”.

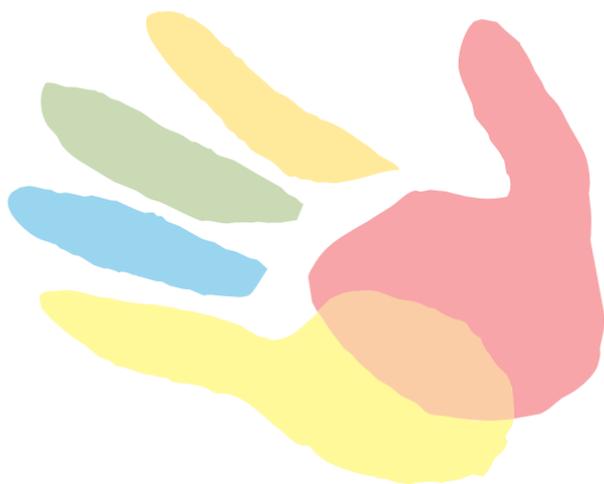
22. Vovô, Papai e Eu – Aos 5 anos, o Maluquinho fez um pato de argila para o pai no dia dos pais, mas este não apareceu, para decepção do menino, que foi consolado pelo carinho do avô. Após ter sofrido a decepção aos 5 anos, o Menino Maluquinho não liga para o Dia dos Pais aos 10 anos. Desta vez, quem sofre com sua ausência é o pai.

23. Flicts – O Menino Maluquinho foi ao teatro aos 5 anos e ficou encantado com a peça Flicts, inspirada em um livro de Ziraldo. Aos 10 anos, quando a professora propõe que os alunos montem uma peça, o Maluquinho sugere encenar Flicts.

24. Mas... Para Onde Foi o Peixe? – O Menino Maluquinho ganhou um peixe com 5 anos. Cuidou do animal com todo zelo, mas o peixe morreu. Mesmo compreendendo que o peixe morreu, o Maluquinho não entendeu para onde ele foi. Aos 10 anos, o Menino Maluquinho acompanha a morte do avô do Herman, Mika. Fica com medo que seus parentes também “sumam do mapa”.

25. Feliz Natal – Felicidades e decepções no Natal. Aos 5 anos, o Menino Maluquinho ainda acreditava em Papai Noel. Aos 10, ele aguarda um presente que não vem.

26. Eu, Eu, Eu e o Mar – No último episódio da temporada, os três maluquinhos vão à praia. Depois que o Menino Maluquinho, de 10 anos, surfa uma onda redonda, dá-se um acontecimento mágico: o personagem se encontra aos 5, dez e 30 anos. Eles conversam e percebem diferenças e semelhanças nas várias idades da vida.



TVescola

DVDescola



TVescola

DISCO 13

FILHOS DESTE SOLO

FILHOS DESTE SOLO

Além de discutir a questão do controle da natalidade, o programa mostra, de maneira simples e didática, como funcionam os métodos anticoncepcionais. Aborda também as dificuldades enfrentadas pelas faixas mais pobres da população para ter acesso a esses métodos. Por fim, conta a história de pessoas que usaram os métodos de planejamento familiar, especialmente laqueadura e vasectomia.

Duração: 40'

Realização: TV Globo. Brasil, 2005



TVescola

DISCO 14

COM CIÊNCIA - Parte I

DISCO 15

COM CIÊNCIA - Parte II

DISCO 16

COM CIÊNCIA - Parte III

DISCO 17

COM CIÊNCIA - Parte IV

DISCO 18

FAZENDO ESCOLA - Parte I

DISCO 19

FAZENDO ESCOLA - Parte II

DISCO 20

FAZENDO ESCOLA - Parte III

ENSINO MÉDIO

COM CIÊNCIA

A série aborda projetos científicos, desenvolvidos por professores e alunos de escolas públicas de Ensino Médio, que servem de ponto de partida para o debate sobre o papel da escola como ponte entre o conhecimento científico e a prática cotidiana.

Duração: 15 programas de 50'
Realização: TV Escola. Brasil, 2006

COM CIÊNCIA - Parte I

- 1. Iporá, GO – Reconstituo Iporá**
- 2. Campinas, SP – Pontes do Aprendizado**
- 3. Campina Grande, PB – Combate aos Potós**
- 4. Erechim, RS – Semeando o Sustentável**
- 5. Recife, PE – Logaritmo Desvendado**



DISCO 15

COM CIÊNCIA - Parte II

- 6. Gama, DF – Clube de Ciências**
- 7. Vilhena, RO – Reeducação Alimentar**
- 8. Juripiranga, PB – Colheita do Conhecimento**
- 9. Jardim Ângela, SP – A Ciência do Amor**

COM CIÊNCIA - Parte III

- 10. Diadema, SP – Interação e Transformação**
- 11. Manaus, AM – (Re)Descoberta dos Povos Indígenas da Amazônia**
- 12. Canela, RS – A Comunidade em Ação**



DISCO 17

COM CIÊNCIA - Parte IV

- 13. Campo Grande, RJ – O 14 Bis Entra na Escola**
- 14. Ilha Solteira, SP – Mapeando a Ilha Via Satélite**
- 15. Maracanaú, CE – Ciência em Maracanaú**

FAZENDO ESCOLA

Especialistas discutem idéias, fundamentos e apresentam propostas de trabalho referentes à gestão democrática, a partir de documentários que retratam experiências bem sucedidas em escolas brasileiras do Ensino Médio.

Duração: 15 programas de 40'
Realização: TV Escola. Brasil, 2007

FAZENDO ESCOLA - Parte I

- 1. Paracatu, MG – A História da Escola e do Afeto**
- 2. Muzambinho, MG – Do Café ao Biodiesel**
- 3. Guará, DF – Uma Pedagogia, Muitos Projetos**
- 4. Confresa, MT – Xema ‘eawa**
- 5. Porto Nacional, TO – Ensino Contínuo, Lugares Alternados**

FAZENDO ESCOLA - Parte II

6. Rio Verde, GO – De Volta para a Escola
7. Rio de Janeiro, RJ – Pesquisar para Aprender
8. São Joaquim / Bombinhas, SC – A Praia, o Vinho e o Ensino Integrado
9. Recife, PE – Uma Escola Olhando para o Futuro
10. João Pessoa, PB – A Escola e suas Muitas Faces

FAZENDO ESCOLA - Parte III

- I 1. Paraguaçu Paulista, SP – Reconstruir a escola, resgatar a auto-estima**
- I 2. Araripina, PE – A Escola na Luta contra a Exploração**
- I 3. Careiro Castanho, AM – Os Desafios de uma Escola na Amazônia**
- I 4. Macapá, AP – Vivendo as Diferenças**
- I 5. Especial – A Tecnologia do Saber**



TVescola

DISCO 21

**CONTO E RECONTO:
LITERATURA E (RE)
CRIAÇÃO - Parte I**

DISCO 22

**CONTO E RECONTO:
LITERATURA E (RE)
CRIAÇÃO - Parte II**

DISCO 23

**CURRÍCULO, RELAÇÕES
RACIAIS E CULTURA AFRO-
BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA - Parte I**

DISCO 24

**CURRÍCULO, RELAÇÕES
RACIAIS E CULTURA AFRO-
BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA - Parte II**

DISCO 25

**APRENDER E ENSINAR COM AS
FESTAS POPULARES
- Parte I**

DISCO 26

**APRENDER E ENSINAR COM
AS FESTAS POPULARES
- Parte II**

DISCO 27

**ENSINO MÉDIO E
SUSTENTABILIDADE EM
TERRAS INDÍGENAS
- Parte I**

DISCO 28

**ENSINO MÉDIO E
SUSTENTABILIDADE EM
TERRAS INDÍGENAS
- Parte II**

DISCO 29

**EJA E EDUCAÇÃO PRISIONAL
- Parte I**

DISCO 30

**EJA E EDUCAÇÃO PRISIONAL
- Parte II**

SALTO PARA O FUTURO

CONTO E RECONTO: LITERATURA E (RE)CRIAÇÃO

Série que faz uma viagem pelo universo da Literatura através dos contos e lança um desafio para os professores: descobrir os contos na escola, desde a Educação Infantil até os ciclos finais do Ensino Fundamental.

Duração: 5 programas de 60'

Realização: TV Escola. Brasil, 2006

CONTO E RECONTO: LITERATURA E (RE)CRIAÇÃO - Parte I

1. Contos Populares de Tradição Ibérica – Neste primeiro programa da série, buscamos indícios de um possível mapeamento dos contos da tradição popular no Brasil. A partir deste objetivo, indicamos algumas fontes da tradição universal e da matriz ibérica. Câmara Cascudo, por exemplo, identificou que os Contos de Encantamento recolhidos em terras brasileiras são, em sua maioria, de origem européia, e chegaram-nos por intermédio de Portugal.

2. Contos Indígenas – No segundo programa da série, vamos abordar os contos da tradição indígena, considerando as influências dos diferentes povos indígenas que aqui viviam e vivem. Neste programa, desejamos reencontrá-los em suas línguas, em seus rituais, em seus modos ancestrais de contar e recontar histórias.

3. Contos Africanos – O terceiro programa aborda os contos africanos e dos afrodescendentes. Sabe-se que, para as diferentes nações do continente africano, a natureza e os homens desenvolvem ritmos próprios. Daí advêm muitas de suas histórias e mitos. Temos notícias, por exemplo, da figura do akpalô (fazedor de conto), cuja atividade caracteriza-se por espalhar histórias pelos lugares por onde passa, o que, segundo Gilberto Freire, pode ser reconhecido nas atividades das negras velhas ou amas-de-leite, que contavam as histórias aprendidas, caminhando de engenho em engenho, no contexto do Brasil Colônia. Sabemos, por essas e outras evidências, que os contos de origem africana não se perderam, conformando aspectos relevantes de nosso imaginário social.

CONTO E RECONTO: LITERATURA E (RE)CRIAÇÃO

4. Contos da Tradição Literária – No quarto programa da série, trazemos o conto pelas mãos de alguns mestres nessa arte; desta vez, na acepção de gênero literário, considerado por muitos o resultado máximo da concisão, da densidade e da ligeireza.

5. Projeto de Leitura: Quem Conta um Conto, Aumenta um Ponto... – Neste último programa, pretendemos indicar aspectos relativos ao planejamento e à avaliação dos projetos envolvendo a formação de leitores proficientes. A singularidade do espaço escolar parece-nos favorável a esse desenvolvimento. Além disso, ressaltamos o papel do bibliotecário como aliado do professor no que diz respeito à organização, à seleção e à utilização de acervos.

CURRÍCULO, RELAÇÕES RACIAIS E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Série que tem como proposta a incorporação de práticas pedagógicas mais próximas da realidade da comunidade escolar. Para tanto, subdivide-se em tópicos, a serem discutidos em cinco programas, tendo como debatedoras(es) especialistas e professoras(es) que atuam em sala de aula, objetivando criar possibilidades para o exercício do que determina a Lei nº 10.639/032 e estimular a construção de um projeto político-pedagógico como ferramenta teórica e metodológica que cumpra o papel social e a função educativa da escola, que é promover a transformação pessoal e a ampliação do cabedal de conhecimentos das(os) educandas(os).

*Duração: 5 programas de 60'
Realização: TV Escola. Brasil, 2006*

CURRÍCULO, RELAÇÕES RACIAIS E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO BÁSICA - Parte I

1. História e Cultura Afro-Brasileira e Africana – No primeiro programa da série, procuraremos indicar um novo continente teórico, assentado na erudição dos valores e linguagens do continuum civilizatório africano-brasileiro, cujo legado nos permite encontrar novas percepções e elaborações sobre educação. Apesar da pujança do continente africano, encontramos no cotidiano escolar professores/as e alunos/as que lêem a África como um país, não conseguem percebê-la como um importante continente que protagoniza a história da humanidade. Diante dessas desinformações, são organizados cursos para professores e elaborados materiais didáticos, além de serem implementadas diversas iniciativas que possam responder ao desafio da Lei.

2. As Relações Étnico-Raciais – História e Cultura Afro-Brasileira na Educação Infantil – O cumprimento da Lei Federal nº 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, bem como das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira (2004), têm provocado mudanças nas práticas pedagógicas de professores e professoras de toda a educação básica. Para tanto, profissionais da educação têm procurado adequar suas práticas educativas, buscando tais conhecimentos em formações continuadas, em grupos de estudos para que o ambiente escolar e o de sala de aula possam, de fato, incluir a cultura de origem africana e promover a educação para as relações étnico-raciais.



DISCO 23

3. Diversidade Étnico-Racial no Currículo Escolar do Ensino Fundamental – Tomar consciência de que o Brasil é um país multirracial e pluriétnico e reconhecer e aceitar que, nesta diversidade, negros e indígenas têm papéis da maior relevância para a sociedade brasileira são aprendizagens que convergem para a educação das relações étnico-raciais porque, conforme expressa o Parecer CNE/CP 3/2004, esta educação pode oferecer conhecimentos e segurança para negros orgulharem-se de sua origem africana; para os brancos, permitir que identifiquem as influências, as contribuições, a participação e a importância da história e da cultura dos negros no seu jeito de ser, viver, de se relacionarem com as outras pessoas. O processo educativo que viabiliza essas aprendizagens necessárias encontra embasamento nos princípios da consciência política e histórica da diversidade, do fortalecimento de identidades e de direitos, das ações educativas de combate ao racismo e às discriminações, também apontados no mesmo Parecer. A escola deve cumprir a parte que lhe toca nos compromissos de Estado assumidos pelo Brasil, enquanto signatário de tratados internacionais, de constituir uma democracia em que as pessoas usufruam em sua plenitude a condição de cidadãos, independentemente de raça/etnia, cor, posição e papel social, religião, gênero. A instituição escolar tem de criar mecanismos e instrumentos de uso permanente, via projeto político-pedagógico e currículo, para intervir na realidade que exclui o negro (pretos e pardos), bem como os indígenas, entre outros, do acesso aos direitos humanos fundamentais.

CURRÍCULO, RELAÇÕES RACIAIS E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO BÁSICA - Parte II

4. O Legado Ancestral Africano na Diáspora e a Formação Docente – Estudos vários sobre as culturas brasileiras nos apontam a construção de um imaginário do povo brasileiro, educado para valorizar elementos culturais e raciais que se enquadrem nas categorias branca e cristã. Tal formação torna-se um desafio para a educação brasileira, em face do proposto pela Lei n. 10.639/03 que alterou a LDB n. 9.394/96, determinando a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileiras e Africana, visando desenvolver políticas de reparações com as ações afirmativas para as populações negras, isto porque, ao longo da história da educação brasileira, os/as docentes foram formados/as para entender o legado africano como “saberes do mal”, saberes de culturas atrasadas e pré-lógicas, repercutindo nos currículos escolares com uma carga preconceituosa, que gera as discriminações com estas culturas. Nesta perspectiva, vamos abordar a Antropologia dos povos africanos e Afro-brasileiros, levando-se em consideração seus mitos e saberes populares, bem como seus símbolos, a partir de suas formulações simbólicas.

5. As Relações Étnico-Raciais, a Cultura Afro-Brasileira e o Projeto Político-Pedagógico – A trajetória da população negra brasileira, desde o seqüestro na África, é marcada pela luta contra o preconceito, a discriminação e o racismo que marcaram – e marcam – a vida dessa população. Nesse processo de enfrentamento, podemos considerar – entre outros – três momentos fundamentais de resistência: a) a estratégias de luta contra a escravidão negra na formação dos quilombos; b) a resistência pós-escravidão, com a fundação de várias entidades negras locais, regionais e nacionais; c) o processo vivido ao longo desses quase dois séculos, em torno da constituição de dispositivos legais que atendam às reivindicações históricas da população negra. Entre as reivindicações históricas, a educação sempre foi pautada como uma possibilidade de construção de uma sociedade capaz de assegurar direitos sociais, políticos, econômicos e culturais a todos/as brasileiros/as. O desafio atual da educação é implementar nos municípios e estados da Federação políticas públicas de promoção da igualdade racial. Para isso, três fatores são fundamentais: investimentos na escola pública; uma proposta de formação dos profissionais de educação, centrada na reflexão sobre as desigualdades raciais historicamente construídas que permeiam o espaço escolar, e a construção de projetos político-pedagógicos nas escolas que dêem conta da diversidade na formação do povo brasileiro.

DISCO 25

APRENDER E ENSINAR COM AS FESTAS POPULARES

Série que busca orientar as discussões entendendo essas manifestações como momentos privilegiados nos quais as populações rurais, as populações das pequenas cidades e as periferias das grandes cidades brasileiras interrompem sua rotina de trabalho e de vida da casa para festejar com vizinhos, amigos e co-participantes da mesma crença e das mesmas tradições.

Duração: 5 programas de 60'
Realização: TV Escola. Brasil, 2007

APRENDER E ENSINAR COM AS FESTAS POPULARES - Parte I

1. Festas de Santos Reis – No primeiro programa da série, será debatido o ciclo natalino, que tem duas partes distintas: os rituais da liturgia oficial católica e ritos e festas promovidos quase sempre independentemente desta oficialidade. Nesta segunda parte, há uma inegável centralidade dos Reis Magos. Pastorinhas, presépios, folias são a eles devotados, predominante do dia primeiro ao dia 6 de janeiro de cada ano. Mas a devoção aos Reis Magos não se esgota na Folia de Reis. Seus ingredientes são de origem portuguesa e, no Brasil, desenvolveram-se no antigo “Corredor das Bandeiras” (SP, MG e GO), e se espalharam para outros estados como Rio de Janeiro, Paraná, Espírito Santo, Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Tocantins. No Nordeste de Minas Gerais, no Ceará, Rio Grande do Norte, Piauí e Sergipe são tradicionais os grupos de Reisado. Na Bahia, Santa Catarina e Rio Grande do Sul existem os Ternos de Reis.

2. Festas Carnavalescas – No segundo programa da série, os debates terão como foco as Festas carnavalescas. É importante ressaltar que o carnaval está muito longe de ser a unanimidade brasileira, como se supõe em outros países. Em algumas partes das regiões Norte e Centro-Oeste, o carnaval vai muito pouco além de um feriado na folhinha de parede. Mas nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, os festejos dos quatro dias de véspera da quaresma são vividos intensa e generalizadamente. Em grau um pouco menor, há outros estados em que também se podem contar muitos adeptos de Momo. Pretende-se discutir as dimensões educativas desses festejos, procurando abstrair um pouco o grau, às vezes exacerbado, de produto mediático e econômico que têm as festas carnavalescas. Desfiles de escolas de samba, trios elétricos e até mesmo a experiência dos blocos já foram visivelmente transformados em rentável mercadoria e isso também vale a pena ser discutido. Além disso, pretende-se mostrar pequenos blocos no nível das comunidades, numa festa em que os moradores fecham a rua e fazem o velho carnaval das marchinhas, sem virar notícia.

3. Festas Juninas – O terceiro programa debate o ciclo das festas juninas. Em termos religiosos, ele é marcado, sobretudo, pelas festas de Santo Antônio, São João e São Pedro. Mas a Festa de São Benedito que, oficialmente, ocorre no dia 5 de outubro, em muitos lugares é incorporada também ao mês de junho. Aparentemente mais pagãs, situam-se também no mês de junho as festas do Bumba-meu-boi e suas inúmeras derivações (Boi-Bumbá - AM, Boi-de-Mamão - SC, e Boizinho - RS). Como elementos formadores do conjunto das festas juninas, destacam-se as tradições milenares em torno do solstício de inverno, aqui no Hemisfério Sul (dia 24, o dia em que o sol está mais a pino) e, no Hemisfério Norte, o solstício de verão. Em especial aparece a figura do culto ao fogo (fogueira) para se garantir a fertilidade e a saúde. Há uma influência significativa também da Festa das Primícias judaica (primeiras colheitas), fazendo aparecer em nossas festas juninas a função marcante das comidas típicas da estação. As festas juninas se vinculam às datas de santos do catolicismo oficial, mas esse ciclo foi apropriado pelo domínio popular, porque são festas que assumiram um caráter doméstico. Mesmo quando são festas “da paróquia”, o mastro e a fogueira trouxeram a festa para o terreiro – para o lado de fora da igreja.



DISCO 26

APRENDER E ENSINAR COM AS FESTAS POPULARES - Parte II

4. Festas de Trabalho – Pelo trabalho o homem marca o meio físico onde busca satisfazer as suas necessidades. Por isso, os principais acontecimentos ligados ao trabalho também são ritualizados nos meios populares, fazendo emergir importantes momentos festivos, tais como: festas de colheitas, pousos de tropeiros, mutirões (puxirão, muxirão, adjutório, demão), mutirões de traição (ditos “treição” – um mutirão para o qual o dono do serviço não foi avisado), dança da enxada, canto das lavadeiras, canto das fiandeiras. Durante o trabalho, num dia de mutirão, sempre acontecem as cantigas de mutirão (“Brão”, na região de São Luis do Paraitinga-SP). Além disso, “uma coisa puxa a outra”, diz a sabedoria popular. Um dia de mutirão é sempre uma boa oportunidade para uma noite de jogo de truco, danças variadas conforme o lugar (forró, vanerão, catira, cururu, siriri, etc.).

5. Festas da Afro-Descendência – Sem nos esquecermos da dramaticidade dessa forma de exploração do trabalho humano, o trabalho escravo propiciou à formação cultural do Brasil importantes componentes da riqueza cultural africana. A casa-grande não conseguiu silenciar a senzala. A visão de mundo, a religiosidade, a música, a dança, a vestimenta e a culinária dos negros resistiram aos séculos de opressão branco-européia de nossa Colônia e Império. E as nossas diversas formas de ser brasileiro foram todas impregnadas por esses componentes africanos. Vem daí a existência de um grande leque de festas e rituais em todas as regiões brasileiras. Muitas dessas festas constituíram-se na fusão da cultura negra com o catolicismo popular, como Congos, Congadas, Moçambiques e outros tantos. Em outras, permaneceu a base da própria religiosidade africana, como se verifica no Candomblé, Umbanda, Tambor de Mina. Em outros casos ainda, a resistência negra gerou manifestações que, de certa forma, desenvolveram-se à margem das práticas religiosas: Capoeira, Jongo, Parafuso (a dança da fuga), Lundu. Em todos esses casos há sempre uma diversidade de festas que garantem a reprodução da arte e das crenças africanas, formando gerações e gerações de adeptos que, às vezes, não compõem uma efetiva afro-descendência.

ENSINO MÉDIO E SUSTENTABILIDADE EM TERRAS INDÍGENAS

Série que trata de temas como a importância da educação escolar nos projetos de futuro dos Povos Indígenas; a formação escolar e a qualificação técnica para a formulação e a gestão de projetos de etno-desenvolvimento; a formação do professor indígena de Ensino Médio; entre outros.

*Duração: 5 programas de 60'
Realização: TV Escola. Brasil, 2006*

ENSINO MÉDIO E SUSTENTABILIDADE EM TERRAS INDÍGENAS - Parte I

1. Projetos de Futuro dos Povos Indígenas – No primeiro programa, são discutidos os projetos de futuro dos povos indígenas. O foco do programa é mostrar a escola como um instrumento fundamental para as perspectivas de futuro dos povos indígenas. Essa escola é, hoje, considerada como aliada, na medida em que foi redefinida sua função social, para atender à identidade de cada povo, às suas lutas e aos seus projetos de futuro.

2. Juventude Indígena e Escola – O segundo programa discute o sentido da escola para os jovens indígenas. São apresentadas entrevistas com os jovens indígenas, em que eles comentam sua relação com a escola. Essas e outras questões serão discutidas: O é ser jovem na cultura indígena? Qual é o sentido da escola de Ensino Médio para o jovem indígena? De que forma os conhecimentos construídos na comunidade são trabalhados na escola? Como a escola de Ensino Médio precisa se organizar para atender às demandas da juventude indígena?

3. Formação dos Professores Indígenas – O eixo norteador do terceiro programa é a formação dos professores indígenas para o Ensino Médio. Essas e outras questões serão discutidas neste programa: Como deve ser a formação do professor indígena de Ensino Médio? Como formar professores na perspectiva da interculturalidade e da relação com toda a sociedade? Como a escola pode pensar e gerir instrumentos que garantam a sustentabilidade econômica, social, territorial e cultural dos povos indígenas?



DISCO 28

ENSINO MÉDIO E SUSTENTABILIDADE EM TERRAS INDÍGENAS - Parte II

4. Projeto Pedagógico: Experiências – No quarto programa, são apresentadas experiências educacionais em diversas escolas indígenas, tendo como foco a construção do Projeto Político Pedagógico. Estes temas, entre outros, serão discutidos, ao longo do debate: Como se dá a relação entre a escola e a comunidade? Como está sendo construído o projeto pedagógico das escolas, tendo como foco a questão da sustentabilidade? Qual a relação entre a sustentabilidade e a concepção de mundo dos povos indígenas? De que forma o currículo escolar está organizado nas diferentes comunidades?

5. Currículo Diferenciado: Experiências – O currículo diferenciado é uma das reivindicações das escolas indígenas de Ensino Médio. No quinto programa da série, serão trazidas para o debate essas questões: De que forma a escola de Ensino Médio abre espaço para a discussão sobre as demandas da comunidade? Como construir um projeto educativo intercultural, que considere e valorize a cultura dos diversos povos indígenas? De que forma é trabalhada a questão da etno-sustentabilidade nas escolas indígenas de Ensino Médio?

EJA E EDUCAÇÃO PRISIONAL

Série que vai discutir temas como o papel da educação como programa de reinserção social; a realidade dos afrodescendentes e das mulheres no espaço carcerário; o mundo do trabalho para jovens e adultos privados de liberdade; a atuação do professor no sistema penitenciário, entre outros.

Duração: 5 programas de 60'
Realização: TV Escola. Brasil, 2006

EJA E EDUCAÇÃO PRISIONAL - Parte I

1. O Papel da Educação como Programa de Reinserção Social para Jovens e Adultos Privados de Liberdade: Perspectivas e Avanços – No primeiro programa da série serão discutidas as questões políticas, econômicas, sociais e jurídicas que envolvem a educação no sistema penitenciário; o papel dos Ministérios da Educação e da Justiça e das Secretarias Estaduais de Educação e de Justiça (e ou de Segurança Pública e Administração Penitenciária) na implementação de programas educativos para o sistema penitenciário; a educação como direito humano e ao longo da vida. Ao longo do programa, serão debatidos estes temas: Qual o papel do sistema penitenciário?/ Qual o papel da educação no cárcere?/ Como o poder público vem atuando na implementação de programas de reinserção social?/ Qual a participação da sociedade civil e das Organizações não-governamentais na implementação de programas de reinserção social?/ O que é política de “tratamento penitenciário”?/ Quais os recursos investidos?/ Remissão pelo estudo?/ Elevação de escolaridade ou certificação?

2. Os Sujeitos da Educação de Jovens e Adultos Privados de Liberdade: Questões sobre a Diversidade – No segundo programa da série, serão abordadas as questões socioeconômicas, culturais e do mundo do trabalho; jovens cumprindo medidas socioeducativas x jovens internos penitenciários (a juventude que fortemente integra as populações carcerárias); a realidade dos afrodescendentes (marcas da exclusão) e das mulheres no espaço carcerário. Ao longo do programa, serão debatidos estes temas: Quem são os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos privados de liberdade? / De onde vêm? / Para onde vão? Qual a sua verdadeira identidade?/ Quais os seus reais interesses e expectativas?



DISCO 29

3. Educação Profissional para Jovens e Adultos Privados de Liberdade – No terceiro programa, serão discutidas as principais questões que envolvem o mundo do trabalho para jovens e adultos privados de liberdade: perspectivas e realidades; a educação profissional no cárcere; o trabalho intra e extramuros; o trabalho para internos e egressos do sistema penitenciário; trabalho informal e trabalho formal. Ao longo do programa, serão debatidos estes temas: Formação para o trabalho ou formação ao longo da vida?/ Quais as principais questões que envolvem reinserção social de egressos penitenciários?/ Quais as principais questões que envolvem o mundo do trabalho para internos e egressos penitenciários?

EJA E EDUCAÇÃO PRISIONAL - Parte II**4. Além da Educação Formal: Complexidade e Abrangência do Ato de Educar**

– No quarto programa, serão abordadas as principais questões que envolvem uma proposta de educação no cárcere; escolarização com concepção diferenciada; propostas político-pedagógicas diferenciadas; temas transversais x propostas interdisciplinares e transdisciplinares; sentidos para a educação ao longo da vida: atividades educacionais livres; atividades culturais, leitura e biblioteca, atividades esportivas, religiosas, de saúde e lazer; política de atuação interdisciplinar entre os agentes operadores da execução penal. Ao longo do programa, serão debatidos estes temas: O que é uma proposta educacional diferenciada? Elevação de escolaridade ou certificação? Como produzir e tirar proveito, ao máximo, do aprender por toda a vida em prisões? Qual a participação dos diversos técnicos do sistema penitenciário nos processos educativos na prisão, dentro e fora da escola? Como tornar a prisão um ambiente educativo por excelência?

5. Conteúdos e Metodologia: a Prática Docente no Cárcere – Questões que envolvem a formação docente para atuar com jovens e adultos privados de liberdade; a atuação do professor no sistema penitenciário; o dia-a-dia em uma escola no cárcere; os conteúdos e as propostas metodológicas que são desenvolvidos nas escolas para jovens e adultos privados de liberdade; projetos político-pedagógicos das escolas; escolas diferenciadas. Ao longo do programa, serão debatidos estes temas: Quem são os professores? / De onde vêm?/ Como atuam no cárcere?/ Quais são suas concepções pedagógicas quanto ao ensino-aprendizagem para jovens e adultos internos penitenciários?/ Que sentido atribuem à leitura e à escrita entre presos?/ Que valor atribuem aos temas ética, direitos humanos, drogas, sexualidade e cidadania na educação no cárcere?/ Escolas diferenciadas ou diferentes?